

A POESIA DE MANOEL DE ANDRADE: UM CANTO DE AMOR E LIBERDADE NA AMÉRICA LATINA.

Suely Reis Pinheiro

"Ai, América, que longo caminhar!" Através deste verso que inicia o instigante poema *Canção de amor à América*, fiz o primeiro contato com o poeta Manoel de Andrade, nos idos de 80.



América Latina

No JALLA 2010, olvido autores andinos, em especial, Manoel Scorza, para dar a conhecer a um outro Manoel, Manoel de Andrade, um combatente da palavra, cuja obra, difundida na América Latina e pouco conhecida no Brasil, nos chega agora, depois de um hiato de 40 anos.

Hoje, quando se levantam, mais abertamente, questões sobre os desaparecidos do tempo do regime militar e ainda com a triste lembrança dos horrores de uma

ditadura que me atingira na figura paterna, a história literária com o poeta começava há mais de 20 anos quando epigrafei minha dissertação de mestrado com os versos do transgressor poeta.

O poema em questão, ***Canção de Amor à América***, mostra o arcabouço poético da obra de Manoel de Andrade, um sonho libertário, em seu *largo caminhar* por uma América Latina incendiada de ideais.

Exilado da pátria, viandante incansável e expulso de tantas fronteiras, nosso poeta traz à luz uma poesia que revela a história política e social do seu tempo. E o diálogo com o texto identifica não só o Brasil, como também povos vizinhos e irmãos:

Canción de amor a América

iAy América,
que largo caminar!

Yo vengo con el trigo de mi canto,
con mi ternura abierta
y con mi espanto.
y desde el fondo de mí y de mi asombro,
y por mis labios de vino y gaviotas,
te traigo mi cantar de caminante.

Para ti, amada mía,
para tú cuerpo de cansancio
y por tu hambre,
yo traigo este mi verso frutecido.

iAy América, .
que largo caminar!

Ahora vengo a cantarte
y mi canto es como el día y como el agua
para que me entienda sobre todo el hombre humilde.
Ahora vengo a cantarte
pero en tu nombre América,
yo solamente sé cantar con la voz que denuncia.
yo no vengo a cantar el esplendor de Machu Picchu,

ni a la Gran Cordillera y su nieve eterna;

no vengo a cantar esta América de volcanes y archipiélagos,
a esta América altiplánica de la llama esbelta y la vicuña. .
yo vengo en nombre de una América parda, blanca y negra,
y desde Arauco a Yucatán,
vengo en nombre de una América indígena agonizante.
Yo vengo en nombre de una América proletaria,
en nombre del cobre y del estaño ensangrentado.

yo vengo a hablar del campesino,
de su poncho roto y su colchón de tierra,
de su resignación y su misterioso silencio,
de su gesto incontenible que en alguna parte se levanta,
de su hambre saciada con la sangre de una masacre.

Yo no vengo cantar el encanto colonial de estas ciudades,
a los altares españoles recubiertos con el oro de los Incas,
a las grandes plazas donde se yerguen las estatuas de los libertadores.
Vengo a cantar de favelas, barriadas y tugurios,
las poblaciones callampas y las villas miserias.
yo vengo a denunciar la tuberculosis y el frío,
yo vengo en nombre de los niños sin pan y chocolates,
en nombre de las madres y de sus lágrimas.
Yo vengo a hablar por toda voz que se levanta,
por una generación reprimida con fusiles,
vengo a hablar de las universidades cerradas
y de la huella de las tiranías enclavada en sus paredes,

yo vengo a denunciar falsas revoluciones
y el oportuno pacifismo,
vengo a hablar de un tiempo de destierros y torturas,
yo vengo a hablar de un terror que crece uniformado,
y de estos años en que cada promesa de paz es una mentira.

¡Ay América,
que largo caminar!

Hoy me detengo aquí..
alzo mi voz, mi acusación, mi juicio.
Declamo mi bandera de sueños,

proclamo mi fe,
recojo mi testimonio y me voy.

Yo soy el juglar maldito
y bien amado.
Mi canto es un grito de combate
y yo no canto por cantar.
Yo parto dejando siempre una inquietud,
dejando en una seña la certeza de una aurora.

Yo soy el cantor clandestino y fugitivo,
el que ama la soledad inmensa de los caminos.
Paso desapercibido de ciudad en ciudad,
en algún local público yo me voy a cantar
y allí conozco amigos y enemigos.
Pero siempre, he podido encontrar al gran compañero,
al hombre nuevo,
aquel que trae la faz de la esperanza
el que se aproxima en silencio
y con el gesto inconfundible me saluda;

¡Ay América,
que largo caminar!

Yo vengo amada América,
para iluminar con mi canto este camino,
te traigo mi sueño inmenso, latino y americano,
y mi corazón descalzo y peregrino.
Pero cuando siento mi sangre escurriéndose en los años,
y la vida se me acabe antes de verte amanecida;
Cuando pienso que es muy poco, amada mía,
lo que yo puedo darte en un poema;
¡Ay! cuando pienso en estas flores de sangre marchitadas,
en estos alumbrados cuerpos que cayeron,
y que quizás no he sabido hacer por ti cuanto quisiera;
¡Ay! si con el tiempo descubrir
que este lírico fusil que empuño no dispara,
ay América,
quién dirá que la intención que tuve fue sincera.

A estrutura da grande dicotomia que vem dominando a sociedade durante várias gerações, separando opressores e oprimidos, acaba por modificar o

comportamento social que adquire um caráter de anomia que, segundo estudo de Robert Merton, *Estrutura Social e Anomia* (MERTON, 1968), pode ser definida como a ausência de normas de comportamento em uma sociedade instável. A reação dos indivíduos que vivem nesse contexto cultural, segundo Merton, obedece a cinco tipos de adaptação à estrutura social: a conformidade, a inovação, o ritualismo, o retraimento e a rebelião.

Com base nesses estudos, nos deparamos com a trajetória poética de Manoel de Andrade, que anomicamente transita por diversa tipologia social, enquanto poeta que não se ritualiza, nem se retrai e, sim, desliza pela inovação comportamental.

Manoel rejeita os valores predominantes que antes o inseriram na conformidade quando cantou os amigos, os poetas, deu recado à mulher amada, à recém-nascida, fez saudação a Che Guevara e passa a ser o cantor clandestino, fugitivo para não ver morrer a sua utopia e sobreviver com suas cicatrizes, incorruptíveis na dor e no silêncio, citando o próprio autor.

Seu amor à América ficou denunciado no seu canto de sonho imenso latino e americano, em nome dos perseguidos e caídos por ditaduras militares. Este é o cenário de sua ***Canção para os homens sem face:***

Não canto minha dor...
dor de um só homem não é dor que se proclame.
Canto a dor dos homens sem face
canto os que tombaram crivados
os homens escondidos
os que conheceram a nostalgia do exílio
para os encarcerados.
Canto aos párias da vida...
aos bêbados, aos vagabundos e aos toxicômanos.
Canto as prostitutas
e as mulheres que foram embora com o homem amado.

Canto a vergonha de ser brasileiro num tempo defecado
canto meu povo
e se ainda não canto meu país,
é porque não sei cantar na presença de homens indecentes;
eu canto sobretudo para aqueles que preservaram seu sonho,
para os que ousaram lutar e morrer por ele,
canto a memória de um guerrilheiro argentino.

Ah, meus versos,
meus versos que não são meus,
que são de todos os homens e de todas as mulheres que eu canto;
que são de todos os que se aproximam de mim
e que falam comigo.

Meus versos que afinal nunca serão de ninguém,
caminhando pela terrível solidão branca do papel,
pelo itinerário clandestino das gavetas;
estampados nas palavras escarlates da minha revolta pública,
impressos no meu olhar solitário de samurai.

Eu canto para todos os homens
contudo, neste tempo,
eu canto para os homens sem face...
aqueles que se perdem na multidão das grandes cidades,
e que amadurecem, a cada dia,
os punhos para a luta.



Liberdade - Profesores Enrique Rosas, Suely Reis y el poeta Manoel de Andrade

Desta forma, é no processo de construção da sedutora linguagem que se observa no poeta uma tensão rumo ao novo espaço da anomia na categoria de rebelião. De acordo com Merton, a rebelião rejeita os valores predominantes e propõe sua

substituição por novos valores em relação às metas culturais e os meios institucionalizados.

Nosso poeta nascido em Santa Catarina, mas radicado no Paraná, teve não somente o Curso de História, mas também sua vida interrompida pela nostalgia do exílio de seu país, quando se tornou alvo do Departamento de Ordem Política e Social, o DOPS, por ser contrário ao regime e teve de deixar o Brasil em 1969.

Sua poesia política, carregada de emoção, remete a uma saga literária original, que cruzou as fronteiras latino-americanas. Nasce, então, um doloroso gesto de despedida e, ao mesmo tempo, iluminado pelo brilho da esperança com o poema

Véspera

Quatorze de março
mil novecentos e sessenta e nove.
É preciso...
é imprescindível denunciar o compasso ameaçador destas horas,
descrever esta porta estreita que atravesso,
esta noite que me escorre numa ampulheta de pressentimentos.

Um desespero impessoal e sinistro paira sobre as horas...
O ano se curva sob um tempo que me esmaga
porque esmaga a pátria inteira...

Nossas canções silenciadas
nossos sonhos escondidos
nossas vidas patrulhadas
nossos punhos algemados
nossas almas devassadas.

Pelos ecos rastreados dos meus versos
chegam os pretorianos do regime.

Alguém já foi detido, interrogado, ameaçado
e por isso é necessário antecipar a madrugada.

E eis porque esse canto já nasce amordaçado
porque surge no limiar do pânico.
Meu testemunho é hoje um grito clandestino
meus versos não conhecem a luz da liberdade
nascem iluminados pelo archote da esperança
para se esconderem na silenciosa penumbra das gavetas.

Escrevo numa página velada pelo tempo

e num distante amanhecer
é que o meu canto irá florescer.

Escrevo num horizonte longínquo e libertário
e num tempo a ser anunciado pelo hino dos sobreviventes.
Escrevo para um dia em que os crimes destes anos puderem ser contados
para o dia em que o banco dos réus estiver ocupado pelos torturadores

Tudo é uma amarga despedida nesta longa madrugada
e neste descompassado palpitar,
contemplo meus livros perfilados de tristeza
retratos silenciosos de tantas utopias,
bússolas, faróis, retalhos da beleza.
Aceno a Cervantes, a Lorca, a Maiakovski
mas só Whitman seguirá comigo
nas suas páginas de relva
e no seu canto democrático.
Contemplo ainda os pedaços do meu mundo
nos amigos do penúltimo momento
nas lágrimas de um benquerer
na infância de minha filha
e nesse beijo de adeus em sua inocência adormecida.

Nesta agonia...
neste abismo de incertezas...
abre-se o itinerário clandestino dos meus passos.
De todos os caminhos
resta-me uma rota de fuga, outras fronteiras e um destino.
Das trincheiras escavadas e dos meus sonhos,
restou uma bandeira escondida no sacrário da alma
e no coração...
um passaporte chamado... **liberdade.**



Poeta y el mar

Tal rebelião anômica atinge autor e leitor e se estabelece através da função pragmática que permite a concretização do processo da comunicação, uma vez que o emissor-poeta e o destinatário-leitor recuperam, igualmente, a memória do passado histórico da negra ditadura.

Em seu périplo peregrino, mapeando a América Latina, torna-se um “renegado” político. Seu caminhar foi longo, mas a “bandeira desfraldada ao longo do continente, quando a América era uma só trincheira”, anunciava já o sopro da liberdade que nunca se apagou na voz do revolucionário trovador. Esta é a mensagem de ***Liberdade:***

Bandeira mutilada
onde enrolaste um coração de pássaro.
Se foi para abafar o canto
e a voz de um povo,
pois que se faça amiga da revolta.

Liberdade
é o teu nome
e toada dos companheiros em marcha.

Primeiro tu foste a inocência
correndo nos pátios dos recreios

no bairro operário onde vivi
e na praça principal da minha infância

Depois foste minha rebelde bandeira
e a mágica certeza na adolescência do meu ser.
Tu me trouxeste a paixão e a fantasia
e aquele sonho imenso de ser marinheiro um dia.

Mais tarde
a história me mostrou que era ainda maior tua beleza,
e me ensinou a escrever teu nome
na saga gloriosa de Espártaco,
no martírio heróico de Tupac Amaru e de Caupolican
e no exemplo imperecível dos Inconfidentes.

E assim... de busca em busca,
na biografia dos heróis,
pelas páginas da poesia
e pela verve da eloquência,
tu te abriste, dia a dia, como uma rosa no meu peito...
e depois, quando a pátria cavou suas trincheiras,
como um corcel de luz,
ressurgiste na aldeia de minh'alma,
com teu galope indomável
tua resistência
teu rastro clandestino
e me trouxeste tuas cicatrizes
tuas amarras rompidas
e o teu sonho inabalável.

E desde então marcho nos teus passos...
e éramos dez, éramos cem, éramos mil...
e eras então o ar com que respiravam os ideais de um povo inteiro...
e no coração do nordestino eras a esperança do pão,
da água e da terra repartida.
Eras tu que no sul comandavas a greve,
o comício e a passeata...
cantávamos contigo a canção popular...
eras tu que inspiravas a arte, o teatro e a poesia...
tu eras em toda a nação a véspera de um amanhecer inadiável.

Liberdade, liberdade...
um pedaço de ti sobrevive aqui,
na intimidade e no lirismo do meu canto.

Em alguma parte da América,
por essas terras e montes,
apesar dos meus pesares,
cantam os rios e cantam as fontes...
mas eu canto a negra angústia
por teu sangue...liberdade
na minha pátria ferida.
E aqui, à beira desse longo caminhar...
aqui onde por ti caíram Hidalgo, Morelos e Zapata,
daqui convoco meu povo emudecido
para recompor teu semblante massacrado.

Na imorredoura certeza do amanhã
renascerás como raiz ardente;
e no seio de uma primavera palpitante
tu crescerás como uma árvore de beijos
para seduzir os homens, as aves e as estrelas...
e, flor da insurreição
irás desabrochar no retalhado coração dos oprimidos.

Liberdade, liberdade...
Tu és o tribunal na consciência dos tiranos
dos oprimidos és o baluarte e a véspera da vitória.
O sonho americano de Bolívar foi escrito com teu nome,
porque tu és a fonte, o cântaro, a água que embriaga,
sede perene da alma, da vida tu és a dádiva suprema.
Foste a tribuna dos abolicionistas
e assinaste a glória da pátria com a mão de uma princesa
és o hino dos militantes, o cântico triunfal, delírio
bandeira dos Inconfidentes, ainda que tardia
liberdade, ó liberdade
meu único amor
meu peito de viola te entoa enamorado.

Liberdade... ó liberdade...
hoje somos apenas os guardiões de um sonho
os que sustentamos em tantas pátrias a bandeira da bravura
hoje somos os guerreiros do silêncio
para que teu hino possa ser entoado com alegria pelos filhos do amanhã.

Hoje, Manoel de Andrade se firmou como poeta da Resistência, no compromisso de resgate, de acusação, de testemunho e de esperança. Transformando política em poesia, sua narrativa poética resistiu e desafiou as imposições do regime militar .

Nos seus versos confluem questões que desembocam no político, no social, no cultural, na justiça social, na fraternidade, no homem alijado da sua sociedade, denunciando e dessacralizando os símbolos impostos pela ditadura.

Por fim, resta-nos dizer que este texto teve por objetivo dar visibilidade e discutir o poeta Manoel de Andrade que sabe, com sua arrebatada e luminosa poesia, não só seduzir, mas também, incitar o leitor a ouvir, com seu legado poético, o clamor das vozes da América.

Ai América, que longo caminhar!



JALLA 2010 Profesoras Suely Reis, Rita Diogo, Ana Cristina y el poeta Manoel de Andrade

Bibliografia

ANDRADE, Manoel de. *Poemas para a Liberdade*. São Paulo: Escrituras Editora, 2009.
_____. *Cantares*.

FONSECA, Denise Pini Rosalém da. *Resistência e Inclusão: história, cultura e cidadania afro-descendente*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

Perrot, Michelle. *Os Excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

MERTON, Robert K. *Estrutura Social e Anomia*. In: _____ *Sociologia; teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.